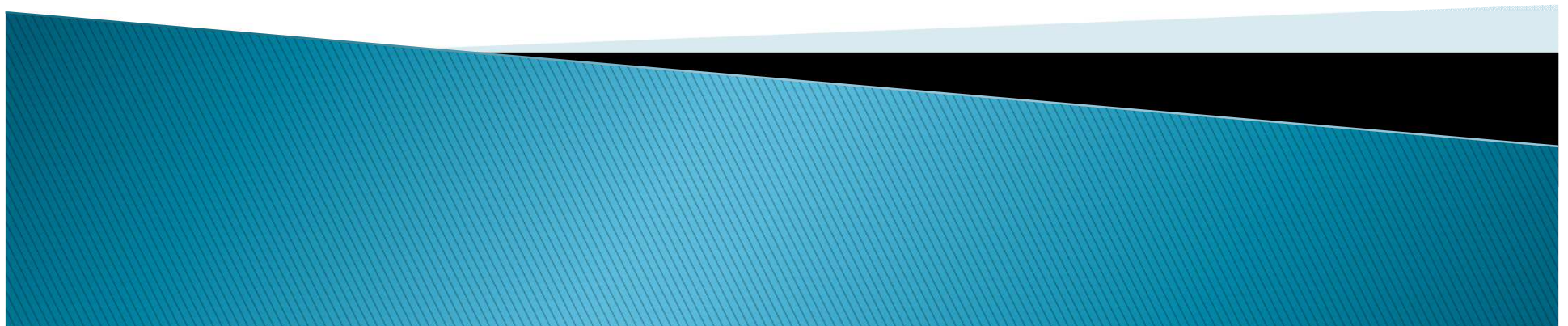




Interpretação em Exercícios Módulo III

Prof. José Maria C. Torres



FCC - CamMun SP 2014

Celebridades

Todos sabemos qual é a atividade de um médico, de um engenheiro, de um publicitário, de um torneiro mecânico, de um porteiro. Mas o que faz, exatamente, uma celebridade – além de ser célebre? Vejam que não me refiro a quem alcançou sucesso pela competência na função que exerce; falo das celebridades que estão acima de um talento específico e se tornaram célebres ninguém sabe exatamente por quê.

Ilustro isso com um caso contado pelo poeta Ferreira Gullar. Andando numa rua do Rio de Janeiro, com sua inconfundível figura – magérrimo, rosto comprido e longos cabelos prateados – foi avistado por um indivíduo embriagado que deve tê-lo reconhecido da televisão, onde sempre aparece, que lhe gritou da outra calçada: – Ferreira Gullar! Sujeito famoso que eu não sei quem é!



Aqui, a celebração não era do poeta ou de sua obra: era o reconhecimento de uma celebridade pela celebridade que é, e ponto final. Isso faz pensar em quanto o poder da mídia é capaz de criar deuses sem qualquer poder divino, astros fulgurantes sem o brilho de uma sólida justificativa. E as consequências são conhecidas: uma vez elevada a seu posto, a celebridade passa a ser ouvida, a ter influência, a exercitar esse difuso poder de um “formador de opinião”. Cobra-se da celebridade a lucidez que não tem, atribui-se-lhe um nível de informação que nunca alcançou, conta-se com um descortino crítico que lhe falta em sentido absoluto. Revistas especializam-se nelas, fotografam-nas de todos os ângulos, perseguem-nas onde quer que estejam, entrevistam-nas a propósito de tudo. Esgotada, enfim, uma celebração (até mesmo as celebridades são mortais), não faltam novos ocupantes do posto.



À falta de algum mérito real, as oportunidades da sorte ou da malícia bem-sucedida acabam por presentear pessoas vazias com o cetro e a coroa de uma realeza artificial. Mas um artifício bem administrado, sabemos disso, pode ganhar o aspecto de uma qualidade natural. O que se espera é que sempre haja quem não confunda um manequim vazio com uma cabeça com cérebro dentro.
(Diógenes Lampeiro, inédito)

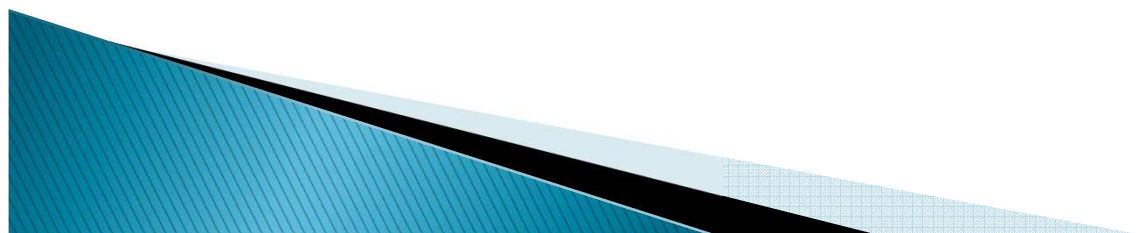


01) No dicionário Houaiss, o verbete tautologia apresenta, entre outras, a seguinte acepção: proposição analítica que permanece sempre verdadeira, uma vez que o atributo é uma repetição do sujeito. Com essa acepção, o qualificativo de tautológicas pode ser aplicado às passagens do texto em que o conceito de celebridade remete

a) ao mérito real que algumas celebridades demonstram no exercício de funções profissionais específicas.

b) à possibilidade de alguém gozar de celebração pelo fato de passar a ser reconhecido como uma celebridade.

c) ao fato de que numa sociedade de consumo todo e qualquer indivíduo tem seu momento de celebridade.



d) à possibilidade de que a celebração de alguém resista à passagem do tempo, tornando-se vitalícia.

e) ao fato de que os grandes criadores passam a ser identificados publicamente a partir do mérito de suas obras.



FCC - AFRE RJ/2014

Atenção: Para responder à questão, considere o texto a seguir:

[Ponderando o julgamento]

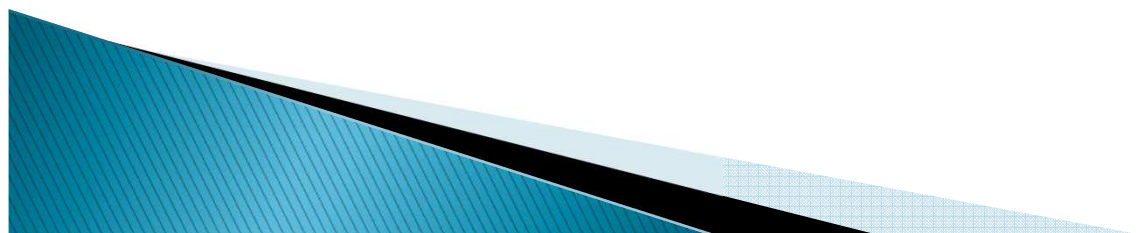
As leis não podem deixar de ressentir-se da fraqueza dos homens. Elas são variáveis como eles.

Algumas, nas grandes nações, foram ditadas pelos poderosos com o fim de esmagar os fracos. Eram tão equívocas que mil intérpretes se pressaram a comentá-las; e, como a maioria só fez sua glosa como quem executa um ofício para ganhar algum dinheiro, acabou o comentário sendo mais obscuro que o texto. A lei transformou-se numa faca de dois gumes que degola tanto o inocente quanto o culpado. Assim, o que devia ser a salvaguarda das nações transformou-se tão amiúde em seu flagelo que alguns chegaram a perguntar se a melhor das legislações não consistiria em não se ter nenhuma.



Examinemos a questão. Se vos moverem um processo de que dependa vossa vida, e se de um lado estiverem as compilações de juristas sabidos e prepotentes, e de outro vos apresentarem vinte juízes pouco eruditos mas que, sendo anciãos isentos das paixões que corrompem o coração, estejam acima das necessidades que o aviltam, dizei-me: por quem escolheríeis ser julgados, por aquela turba de palradores orgulhosos, tão interesseiros quanto ininteligíveis, ou pelos vinte ignorantes respeitáveis?

(VOLTAIRE. O preço da justiça. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 7-8)



02) O texto permite inferir adequadamente que, para Voltaire, as leis

a) devem ser permanentemente revistas, para que de forma alguma venham a refletir debilidades ou imperfeições que são próprias dos homens.

b) elaboradas por déspotas poderosos trazem consigo a qualidade do que é inflexível, não permitindo aberturas interpretativas.

c) refletem a falibilidade humana, podendo ser aplicadas com mais justiça pelos sensatos e experientes do que por arrogantes eruditos.

d) costumam ser tão obscuras quanto os comentários explicativos, advindo daí a necessidade de serem elaboradas por doutos especialistas.

e) elaboradas por anciãos ignorantes demandam o corretivo da sabedoria dos especialistas, quando de sua aplicação num julgamento.



03) Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, o segmento elas são variáveis expressa uma causa da qual a expressão fraqueza dos homens constitui o efeito.

II. No segundo parágrafo, considera-se que a multiplicidade de interpretações da lei, acionadas por glosadores interesseiros, acaba por comprometer a implementação da justiça.

III. No terceiro parágrafo, a interrogação final de Voltaire pode ser considerada retórica pois implica uma resposta já encaminhada pela pergunta.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) I e II.
- e) II e III.



[Dois fragmentos sobre História]

A História não é uma ciência. É uma ficção. Vou mais longe: assim como ocorre na ficção, há na História uma tentativa de reconstruir a realidade por meio de um processo de seleção de materiais. Os historiadores apresentam uma realidade cronológica, linear, lógica. Mas a verdade é que se trata de uma montagem, fundada sobre um ponto de vista. A História é escrita sob um prisma masculino. A História é escrita na perspectiva dos vencedores. Se fosse feita pelas mulheres ou pelos vencidos, seria outra. Enfim, há uma História dos que têm voz e uma outra, não contada, dos que não a têm. (...)

Que diabo é a verdade histórica? Só algo que foi desenhado, e depois esse desenho estabelecido foi cercado de escuro para que a única imagem que pudesse ser vista fosse a que se quer mostrar como verdade. Nossa tarefa é tirar todo o escuro, saber o que é que ficou sem ser mostrado.

(Adaptado de: SARAMAGO, José. As palavras de Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 254)



04) O autor propõe que a História deva se constituir a partir de um empenho coletivo em:

- a) A História é escrita sob um prisma masculino.
- b) (...) se trata de uma montagem, fundada sobre um ponto de vista.
- c) (...) há uma História dos que não têm voz.
- d) Nossa tarefa é tirar todo o escuro.
- e) Se fosse feita pelas mulheres (...) seria outra.



05) Com base no que afirma o texto, deve-se depreender que a História, vista como um discurso produzido por determinados sujeitos,

- a) somente traduz o ponto de vista de quem é capaz de reconhecer, porque os sofreu, os processos políticos e sociais mais adversos.
- b) traduz tão somente o ponto de vista interessado e tendencioso de quem a narra, o que a dota de um caráter eminentemente parcial.
- c) somente será legítima na medida em que representar a média das opiniões e valores dos indivíduos poderosos que a desenham.
- d) é uma narrativa destituída de qualquer valor documental, pois a rigor não representa a perspectiva de nenhum dos setores sociais.
- e) é uma narrativa que explicita com clareza os mecanismos de poder aos quais a maioria da população está sendo submetida.



CESPE - Admin (SUFRAMA)/2014

Com efeito, a habitação em cidades é essencialmente antinatural, associa-se a manifestações do espírito e da vontade, na medida em que esses se opõem à natureza. Para muitas nações conquistadoras, a construção de cidades foi o mais decisivo instrumento de dominação que conheceram. Max Weber mostra admiravelmente como a fundação de cidades representou, para o Oriente Próximo e particularmente para o mundo helenístico e para a Roma imperial, o meio específico de criação de órgãos locais de poder, acrescentando que o mesmo fenômeno se verifica na China, onde, ainda durante o século passado, a subjugação das tribos miaotse pode ser relacionada à urbanização de suas terras. E não foi sem boas razões que esses povos usaram de semelhante recurso, pois a experiência tem demonstrado que ele é, entre todos, o mais duradouro e eficiente. As fronteiras econômicas estabelecidas no tempo e no espaço pelas fundações de cidades no Império Romano tornaram-se também as fronteiras do mundo que mais tarde ostentaria a herança da cultura clássica.

Sérgio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 (com adaptações).



06) Julgue o seguinte item, relativo às ideias e aos aspectos semânticos do texto apresentado.

Conclui-se do texto que, em nações tanto do oriente como do ocidente, a construção de cidades constituiu uma forma de dominação.

() Certo () Errado



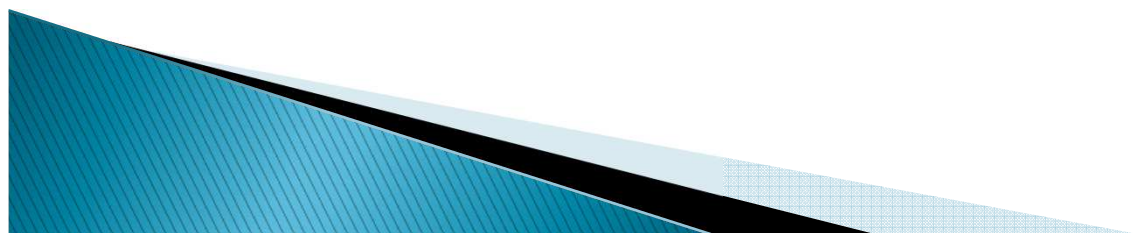
FCC - TJ TRT2/Administrativa/Segurança/2014

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

No dia 9 de janeiro de 1921, um sortido grupo reuniu-se no salão de festas do badalado restaurante Trianon, no alto da aprazível avenida Paulista, para um banquete em homenagem a Menotti Del Picchia, que lançava uma edição do poema Máscaras.

Situado na área hoje ocupada pelo MASP, o Trianon era uma espécie de restaurante-pavilhão, com salão de chá e de festas. Inaugurado em 1916, tornara-se um dos centros da vida social paulistana, com seus bailes, concertos, aniversários, casamentos e banquetes.

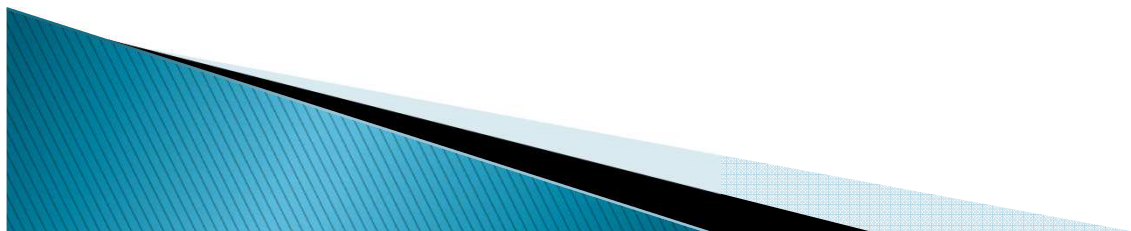
Naquele domingo de verão, ilustres integrantes do mundo cultural e político foram prestigiar o escritor e redator político do Correio Paulistano, homem de amplo arco de amizades.



Mário de Andrade, que estava presente, escreveu sobre a festa na edição da Ilustração Brasileira. Impressionou-se com a diversidade dos convidados, um séquito de homens das finanças, poetas e escritores da velha e da jovem guarda.

Figurões revezaram-se na tribuna, até chegar a vez de Oswald de Andrade, que faria soar, nas palavras de Mário de Andrade, “o clarim dos futuristas” – aquela gente “do domínio da patologia”, como gostavam de escrever “certos críticos passadistas, num afanoso rancor pelas auras”.

O tribuno foi logo avisando que não gostaria de confundir sua voz com o canto dos conservadores. Juntava-se à louvação a Menotti, mas “numa tecla de sonoridade diferente”, em nome “de um grupo de orgulhosos cultores da extremada arte de nosso tempo”. Para selar o pertencimento de Menotti ao clã dos modernos, a máscara de seu rosto, esculpida por Victor Brecheret, lhe era ofertada. Disse Oswald: “Examina a máscara que te trazemos em bronze. Produziu-a de ti a mão elucidadora de Victor Brecheret que, com Di Cavalcanti e Anita Malfatti, afirmou que a nossa terra contém uma das mais fortes, expressivas e orgulhosas gerações de criadores”.



Não poderia faltar ao discurso a exaltação do dinamismo paulista, pano de fundo da inquietação dos novos artistas e escritores. Num mundo – dizia o orador futurista – em que o pensamento e a ação se deslocavam da Europa para os “países descobertos pela súplica das velas europeias”, São Paulo surgia como uma espécie de terra prometida da modernidade. Com suas chaminés e seus bairros em veloz expansão, a cidade agitava as “profundas revoluções criadoras de imortalidades”.

E, se a capital bandeirante podia promover aquela festa e nela ofertar uma “obra-prima” de Brecheret ao homenageado, isso significava que uma etapa do processo de arejamento das mentalidades já estava vencida.

Na avaliação de Mário da Silva Brito, o que se viu no Trianon foi o lançamento oficial do movimento modernista em território hostil – um “ataque de surpresa no campo do adversário distraído”. Ao que parece, entretanto, a distração do respeitável público foi mais funda – a ponto de poucos terem notado que as palavras ali proferidas representavam um “ataque”. Oswald foi aplaudido por passadistas, futuristas e demais presentes. “Todos estavam satisfeitos porque se julgavam incorporados à ‘meia dúzia’ de que falara o audaz”, ironizou Mário de Andrade.

(Adaptado de GONÇALVES, Marcos Augusto. 1922: A semana que não terminou. São Paulo, Cia. das Letras, 2012, formato ebook)



07) Depreende-se do contexto que a ironia de Mário de Andrade (final do texto) deve-se ao fato de que

a) a distração do respeitável público presente no evento desrespeitava não apenas o anfitrião como também o orador.

b) Oswald de Andrade não considerava todos os integrantes do mundo cultural e político presentes no evento como membros do seletor grupo de artistas revolucionários em que se incluía.

c) se pensava que os países descobertos pela súplica das velas europeias, entre os quais se incluía o Brasil, eram incapazes de produzir arte de vanguarda, digna das capitais europeias.

d) o presente ofertado pelos futuristas ao homenageado, visto como uma “obra-prima” de Brecheret pelo grupo de artistas revolucionários, causou pouco entusiasmo ao público, ainda não acostumado a obras modernas.

e) o discurso de Oswald de Andrade, que faria soar, nas palavras de Mário de Andrade, “o clarim dos futuristas”, não provocou o efeito desejado, entediando a plateia em vez de surpreendê-la.



08) O segmento que reforça a ideia de que Menotti Del Picchia era homem de amplo arco de amizades está em:

- a) ... espécie de terra prometida da modernidade...
- b) ... tornara-se um dos centros da vida social paulistana...
- c) ... as “profundas revoluções criadoras de imortalidades”.
- d) Impressionou-se com a diversidade dos convidados...
- e) ... num afanoso rancor pelas auroras.



09) ...o que se viu no Trianon foi o lançamento oficial do movimento modernista em território hostil... (último parágrafo)

No contexto, o segmento acima expressa a

- a) visão do autor do texto a respeito da reação hostil do público conservador presente no evento mencionado.
- b) opinião de Mário de Andrade a respeito do início atribuído do modernismo vanguardista paulistano.
- c) constatação de que havia no evento pessoas conservadoras, que se demonstrariam avessas à estética modernista.
- d) crítica feita por Mário da Silva Brito à recepção desfavorável de suas palavras por parte do público.
- e) hipótese aventada pelo autor do texto a respeito das razões para a pequena adesão ao movimento dos modernistas.



10) ... que as palavras ali proferidas representavam um “ataque”. (último parágrafo)

O ataque mencionado acima

- a) refere-se à forma hostil com que o orador se posicionou contra o conservadorismo de algumas pessoas presentes no evento.
- b) representa a violência com que a plateia de “figurões” reagiu ao se perceber desprestigiada.
- c) possui conotação irônica, já que não se tratava de um ataque propriamente dito, pois o orador defendia os ideais da maioria dos convidados.
- d) situa-se no campo da imaginação do orador, pois ninguém da plateia percebeu que suas palavras expressavam algum tipo de crítica.
- e) assinala a reprovação do autor do texto a respeito da intenção do orador no evento citado.



ESAF - AnaTA MTUR/2014 (e mais 3 concursos)

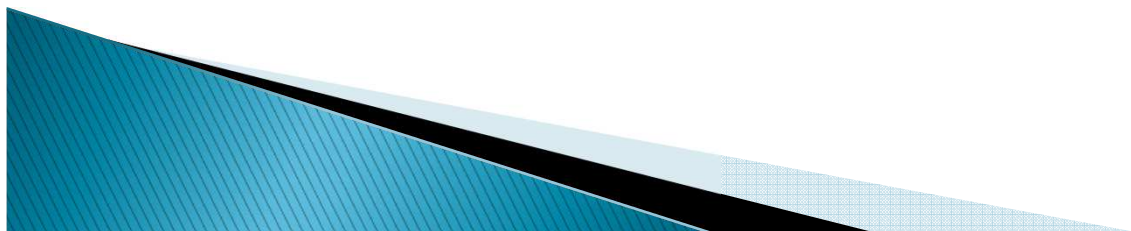
11) Assinale a opção que não tem respaldo na argumentação do texto.

A economia mundial deve continuar em recuperação no próximo ano, com os Estados Unidos, a maior potência, crescendo perto de 3% e funcionando outra vez como um dos principais motores do crescimento das outras nações. A economia número dois, a China, continuará avançando bem mais velozmente que a média mundial, com taxa próxima de 7,5%. Mas a retomada americana e a reação positiva japonesa tornarão mais eficiente a difusão da prosperidade no mundo, segundo as projeções das mais importantes entidades multilaterais, incluídos o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

(Adaptado de O Estado de S. Paulo, 14/12/2013)



- a) A recuperação econômica dos Estados Unidos interfere positivamente na economia mundial.
- b) Conforme as informações do texto, os Estados Unidos tinham deixado de ser temporariamente o motor do crescimento mundial.
- c) A economia japonesa em crescimento influi na prosperidade mundial.
- d) O FMI prevê que a economia mundial ainda continuará estagnada por muito tempo em decorrência da crise de 2008.
- e) A economia da China crescerá mais que o dobro do que o crescimento da economia dos Estados Unidos em 2014.

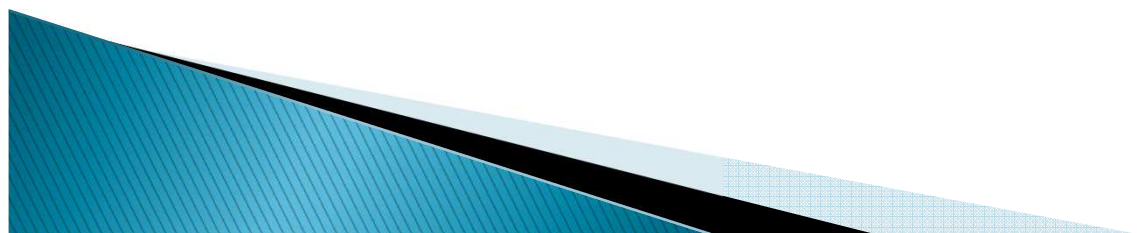


FCC - AJ TRT2/Judiciária/"Sem Especialidade"/2014

Instruções: Para responder à questão, considere o texto a seguir.

Desde *A democracia na América* (1835), de Alexis de Tocqueville, tornou-se corrente comparar os Estados Unidos com a América ibérica, constituindo este exercício uma fonte de inspiração da imaginação social no continente. Nessa obra, a América do Sul é descrita como lugar em que a pujança da natureza debilitaria o homem, enquanto, na América do Norte, a natureza se revestiria de outro aspecto, onde tudo "era grave, sério, solene; dissera-se que fora criada para se tornar província da inteligência, enquanto a outra era a morada dos sentidos".

O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o atraso ibérico, sob o impacto das diferentes influências exercidas pelo seu vizinho anglo-americano, modernizar-se-ia, rompendo com os fundamentos da sua própria história.



A reflexão social latino-americana no século XIX, já testemunha dos sucessos econômicos e políticos dos Estados Unidos, tomou-os como um paradigma em sua luta orientada contra o que seria o seu atraso constitutivo, resultante do caudilhismo e do patrimonialismo vigentes em seus espaços nacionais. Entre tantos outros, os argentinos Sarmiento e Alberdi desenvolveram uma publicística centrada na comparação entre as duas Américas e o que nos cumpriria fazer para, livrando-nos dos nossos males históricos, logarmos sucesso no ingresso ao mundo moderno. [...]

No caso do Brasil, a comparação com os Estados Unidos também esteve presente ao longo de nossa história, influenciando diretamente os embates sobre o processo da modernização brasileira. Nossa herança ibérica, marcada por um Estado forte e pela valorização do público, seria compatível com os valores do mundo moderno então emergente? Ou, de forma alternativa, ela teria nos legado uma carga tão excessiva, cuja superação em direção à modernidade exigiria uma ruptura com esse passado? Desde já, é importante ressaltar que, ainda que os conceitos iberismo e americanismo tenham sido formulados a posteriori, não estando presentes no vocabulário dos autores consagrados como fundadores da tradição de interpretar o Brasil, eles fornecem uma chave interpretativa para o estudo do processo de nossa formação histórica.

(VIANNA, Luis Werneck; PERLATTO, Fernando. Iberismo e americanismo. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 248-249)



12) Respeitando a constituição do texto, deve-se

- a) tomar a citada obra de Alexis de Tocqueville como fundadora de um modo de pensar que elimina a distância entre razão e emoção.
- b) reconhecer aquilo que é inerente a cada ser humano como expressão da força determinante da natureza, em qualquer de suas várias formas, sobre os que dela provêm num específico espaço geográfico.
- c) conceber a comparação entre Estados Unidos e América ibérica como o fundamento do imaginário dos povos naturais do continente.
- d) compreender que o homem deve tirar proveito de sua competência para agir sobre a natureza, moldando-a de modo a tornar menos vulneráveis os que nela habitam.
- e) entender que o pensamento social latino-americano do século XIX tomou os Estados Unidos como ponto de referência para o esforço de realização de objetivos da América ibérica.



13) Considere o texto e as assertivas que seguem.

I. O cotejo entre o emprego de certas formas verbais, por exemplo, (linha 3) **debilitaria** e (linha 3) **era** evidencia a distinção entre o ponto de vista, respectivamente, de quem comenta uma hipótese lançada por outrem e o ponto de vista de quem propõe essa mesma hipótese.

II. Considerada a lógica e o contexto, merece reparo o que se tem no segmento O caso bem-sucedido da América do Norte apontaria para um processo em que o **atraso ibérico** [...] modernizar-se-ia: em lugar do que está destacado, seria adequado haver, por exemplo, "**a América ibérica, atrasada**".

III. No parágrafo 4, a presença de duas indagações no excerto deve-se ao fato de cada uma delas enfatizar uma específica polêmica a respeito de nossa história, correspondendo, então, uma em relação à outra, a um caminho alternativo na definição da prioridade a ser enfrentada no processo de modernização do Brasil.



Está correto o que se afirma em

- a) I, II e III.
- b) II e III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) III, apenas.
- e) I, apenas.



14) As indagações presentes no parágrafo 4 supõem o seguinte conteúdo implícito:

- a) Países que apresentam setor estatal forte e valorização do público não se harmonizariam com traços culturais do mundo moderno.
- b) O Brasil, herdeiro do mundo ibérico, carrega aversões de natureza ideológica que justificam seu desejo de assumir entusiasmadamente valores contemporâneos.
- c) Os valores do mundo moderno ainda hoje não se encontram totalmente configurados.
- d) A alternância de pontos de vista na reflexão sobre uma identidade cultural é necessária quando se deseja conhecer verdadeiramente uma nação.
- e) Rupturas com a tradição são condição necessária e suficiente para que países se modernizem e passem a fazer parte de comunidades internacionais.



15) Observada a organização do texto, e especialmente a última frase, cria-se uma expectativa de que as linhas seguintes ao fragmento trarão

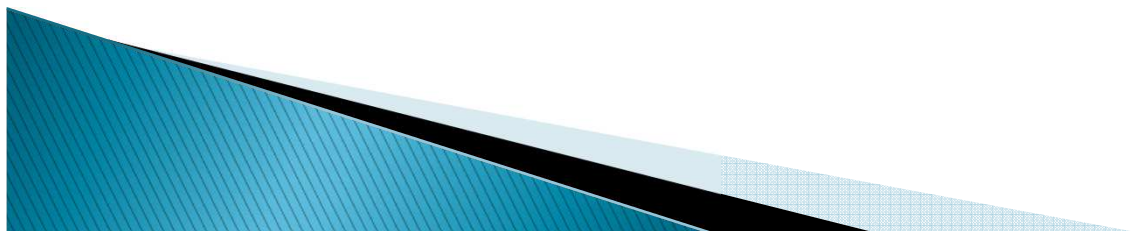
a) a categoria "iberismo" como fundamento do primeiro bloco de estudos sobre a formação histórica do Brasil, dando lugar, a seguir, à categoria "americanismo".

b) os conceitos de "iberismo" e de "americanismo" sempre em oposição, visto que são resultado de momentos históricos antagônicos e bastante afastados no tempo.

c) crítica a autores equivocadamente consagrados como fundadores da tradição de interpretar o Brasil, equívoco gerado pelo desconhecimento de que eles muito tardiamente se valeram da chave necessária à análise da cultura.

d) considerações sobre o processo de formação do Brasil, iluminadas por matrizes de pensamento que, a partir de certo momento, foram conceituadas como "americanismo" e "iberismo".

e) retificações dos textos inaugurais da tradição de interpretar o Brasil, determinadas pelo fato de que os autores não contavam, em seu vocabulário, com as palavras "americanismo" e "iberismo".



As línguas amazônicas hoje: quantidade e diversidade

Atualmente são faladas na Amazônia cerca de 250 línguas indígenas, cerca de 150 em território brasileiro. Embora aparentemente altos, esses números são o resultado de um processo histórico — a colonização europeia da Amazônia — que reduziu drasticamente a população indígena nos últimos 400 anos. Estima-se que, só na Amazônia brasileira, o número de línguas e de povos teria sido de uns 700 imediatamente antes da penetração dos portugueses. Apesar da extraordinária redução quantitativa, as línguas ainda existentes apresentam considerável diversidade, o que caracteriza a Amazônia como uma das regiões de maior diferenciação linguística do mundo, com mais de 50 famílias linguísticas.

Aryon Dall'Igna Rodrigues. Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia. In: M. do S. Simões (Org.). Sob o signo do Xingu. Belém: IFNOPAP/UFGPA, 2003, p. 37-51 (com adaptações).



No que se refere às ideias e aos aspectos linguísticos do texto acima, julgue o item seguinte.

16) Depreende-se do texto que apenas 50 línguas indígenas são atualmente faladas na Amazônia e que a extinção de outras línguas deveu-se ao processo de colonização europeia na região.

() Certo () Errado

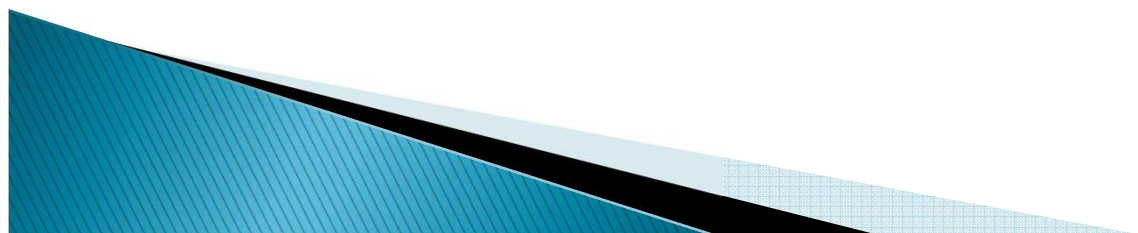


FCC - AJ TRT2/Judiciária/"Sem Especialidade"/2014

Instruções: Para responder à questão, considere o texto a seguir.

A áspera controvérsia sobre a importância da liberdade política é bem capaz de ocultar o essencial nessa matéria, ou seja, a liberdade existe como um valor ético em si mesmo, independentemente dos benefícios concretos que a sua fruição pode trazer aos homens. [...]

A liberdade tem sido, em todos os tempos, a causa das maiores conquistas do ser humano. E, efetivamente, que valor teriam a descoberta da verdade, a criação da beleza, a invenção das utilidades ou a realização da justiça, se os homens não tivessem a possibilidade de escolher livremente o contrário de tudo isso?



Heródoto foi um dos primeiros a sublinhar que o estado de liberdade torna os povos fortes, na guerra e na paz. Ao relatar a estupenda vitória que os atenienses, sob o comando de Cleômenes, conquistaram contra os calcídeos e os beócios, ele comenta: "Aliás, verifica-se, sempre e em todo lugar, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem preciosa: submetidos aos tiranos, os atenienses não tinham mais valor na guerra que seus vizinhos; livres, porém, da tirania, sua superioridade foi manifesta. Por aí se vê que na servidão eles se recusavam a manifestar seu valor, pois labutavam para um senhor; ao passo que, uma vez livres, cada um no seu próprio interesse colaborava, por todas as maneiras, para o triunfo do empreendimento coletivo".

O mesmo fenômeno de súbita libertação de energias e de multiplicação surpreendente de forças humanas voltou a repetir-se vinte e quatro séculos depois, com a Revolução Francesa. Pela primeira vez na história moderna, as forças armadas de um país não eram compostas de mercenários, nem combatiam por um príncipe, sob o comando de nobres, mas eram formadas de homens livres e iguais, comandados por generais plebeus, sendo todos movidos tão só pelo amor à pátria.

17) O texto abona o seguinte comentário: o autor, na defesa de seu ponto de vista,

- a) opta por fazer um relato de como a liberdade se manifestou em diferentes momentos históricos, o que lhe permitiu concluir, ao final do texto, que a liberdade é um valor ético em si mesmo.
- b) vale-se de um testemunho de prestígio, sem, entretanto, tomá-lo como suficiente, dado que acrescenta comentário que o ratifica.
- c) cita Cleômenes e episódio histórico que deu a esse ateniense experiência para reconhecer não só o valor da liberdade, mas, em próprias palavras do conquistador, que a igualdade entre os cidadãos é uma vantagem.
- d) faz uso de uma indagação que é meramente retórica, pois a resposta a ela está implícita na própria pergunta: o valor de descobertas, invenções e demais realizações está em impor a todos os homens o mesmo direito de usufruir delas.
- e) contrapõe distintos momentos históricos para evidenciar que a discussão sobre a importância da liberdade política contém contradições.



18) Foi omitida a frase final do primeiro parágrafo do texto.

Considerada a direção argumentativa adotada, essa frase deve ser a seguinte:

- a) A liberdade política do cidadão pressupõe uma estrita igualdade socioeconômica de vida.
- b) A liberdade é um atributo essencial do ser humano, distinguindo-o, por isso, de todos os demais seres vivos.
- c) A liberdade humana, numa comunidade política, é sempre definida em relação aos vínculos artificiais que são as leis civis.
- d) Há uma disposição coletiva para viver em liberdade, a qual faz parte da mentalidade dos povos.
- e) A liberdade humana, tomada no sentido de um agir sem impedimentos externos, é perfeitamente compatível com o "temor" e a "necessidade".



19) Expressão que, no contexto, assinala que a hipótese levantada pelo autor é considerada indesejável por ele é:

- a) (linha 1) é bem capaz de.
- b) (linha 2) em si mesmo.
- c) (linha 1) ou seja.
- d) (linhas 3) efetivamente.
- e) (linha 13) Pela primeira vez.



FCC - TJ TRT2/Administrativa/Segurança/2014

Atenção: Considere a entrevista abaixo para responder à questão.

D'Almeida: Quais são as relações entre moda e pós-modernidade?

Lipovetsky: De início, para precisar as coisas, quando utilizo o conceito de moda nas sociedades contemporâneas não limito a questão da moda somente às roupas. A moda tem uma lógica que anexa objetos e territórios os mais variados e, no fundo, coincide com o desenvolvimento da sociedade de consumo e de comunicação de massa.

O crescimento do fenômeno da moda se liga à sociedade pós-moderna na medida em que foi a moda que nos arrancou da sociedade disciplinar, autoritária, convencional, em proveito de uma sociedade na qual a maior parte dos indivíduos pode escolher seus modos de vida e não mais se submeter a coações, no trabalho em particular. A moda é uma estrutura social centrada sobre o presente, já que na moda é preciso sempre mudar. O que não quer dizer que a moda destrói as culturas do passado, mas faz o passado perder sua força de imposição. A moda, essencialmente, é reciclagem das formas do antigo.



Creio que as ideologias modernas queriam fazer tábula rasa do passado, inventar um mundo futuro radiante. O mundo da moda não tem mais a ambição de nos arrancar do passado; no fundo, guarda tudo do passado, mas produz coisas completamente diferentes.

(Adaptado de D'ALMEIDA, Tarcisio. Moda em diálogos. Trecho da entrevista com o filósofo Gilles Lipovetsky. Rio de Janeiro, Memória Visual, 2012)

20) Infere-se corretamente do texto que

- a) a moda busca inspiração no passado para se renovar.
- b) o universo da moda nutre desprezo pelo passado.
- c) estar “na moda” é prerrogativa de indivíduos de determinada classe social.
- d) a moda cria simbolicamente projeções de um futuro almejado.
- e) a moda é atributo exclusivo da sociedade pós-moderna.



FCC - AFRE RJ/2014

Atenção: Para responder à questão, considere o texto que segue.

Com 1.445 verbetes listados sob "ironia" na MLA Bibliografy de uma única década, por que o mundo precisaria de um outro livro sobre ironia? E essa listagem conta apenas uma parte da história – a parte literária: esse tópico tem sido abordado por especialistas em áreas tão diversas quanto linguística e ciências políticas, sociologia e história, estética e religião, filosofia e retórica, psicologia e antropologia. A ironia tem sido sempre localizada e estudada em literatura, artes visuais, música, dança, teatro, exposições de museu, conversas e argumentação filosófica, e essa lista pode crescer muito mais. Mesmo concordando que a maioria desses 1.445 verbetes são de artigos sobre "ironia em..." algum texto ou obra de algum artista, a quantidade de energia gasta ao se tentar compreender como e por que as pessoas escolhem se expressar dessa maneira bizarra continua a me espantar. Parece haver uma fascinação com a ironia – que eu obviamente também sinto – quer ela seja considerada um tropo retórico, quer um modo de ver o mundo.

Obs.: tropo retórico = figura de linguagem

(HUTCHEON, Linda. A "cena" da ironia, em Teoria e política da ironia. Trad. Julio Jeha. UFMG: Belo Horizonte, 2000. p. 15)



21) A alternativa que abriga uma ideia não expressa de maneira explícita, mas que está pressuposta no fragmento acima, é:

a) os 1.445 verbetes listados sob "ironia" na MLA Bibliografy remetem à área literária.

b) a listagem das áreas em que a ironia tem sido localizada e estudada – literatura, artes visuais, música, dança, teatro, exposições de museu, conversas e argumentação filosófica – é passível de aumentar muito mais.

c) a autora concorda com o fato de que a maioria dos 1.445 verbetes citados seja composta de artigos em que se focalizou a ironia em algum texto ou obra de algum artista.

d) o espanto da autora quanto à energia gasta em estudos sobre a ironia é anterior à constatação que fez acerca dos 1.445 verbetes citados.

e) a autora sente um fascínio pela ironia.



Diante do futuro

Que me importa o presente? No futuro é que está a existência dos verdadeiros homens. Guyau*, a quem não me canso de citar, disse em uma de suas obras estas palavras:

“Porventura sei eu se viverei amanhã, se viverei mais uma hora, se a minha mão poderá terminar esta linha que começo? A vida está por todos os lados cercada pelo Desconhecido. Todavia executo, trabalho, empreendo; e em todos os meus atos, em todos os meus pensamentos, eu pressuponho esse futuro com o qual nada me autoriza a contar. A minha atividade excede em cada minuto o instante presente, estende-se ao futuro. Eu consumo a minha energia sem recear que esse consumo seja uma perda estéril, imponho-me privações, contando que o futuro as resgatará e sigo o meu caminho. Essa incerteza que me comprime de todos os lados equivale para mim a uma certeza e torna possível a minha liberdade - é o fundamento da moral especulativa com todos os riscos. O meu pensamento vai adiante dela, com a minha atividade; ele prepara o mundo, dispõe do futuro. Parece-me que sou senhor do infinito, porque o meu poder não é equivalente a nenhuma quantidade determinada; quanto mais trabalho, mais espero.”

*** *Jean-Marie Guyau (1854-1888), filósofo e poeta francês.***



22) O fato de nossa vida estar cercada pelo Desconhecido não deve implicar uma restrição aos empreendimentos humanos, já que, para Guyau,

a) a incerteza do futuro não elimina a possibilidade de tomá-lo como parâmetro dos nossos empreendimentos.

b) os nossos atos tendem a se tornar estéreis quando pautados por uma visão otimista do futuro.

c) a brevidade do tempo que temos para viver autoriza-nos a viver o presente com o máximo de intensidade.

d) o fundamento da moral especulativa está em planejar o futuro sem atentar para as circunstâncias presentes.

e) o trabalho estéril executado no presente acumula energias que serão desfrutadas no futuro.



FCC - AJ TRT2/Administrativa/2014 (e mais 7 concursos)

Atenção: A questão refere-se ao texto seguinte.

Questão de gosto

A expressão parece ter sido criada para encerrar uma discussão. Quando alguém apela para a tal da “questão de gosto”, é como se dissesse: “chega de conversa, inútil discutir”. A partir daí nenhuma polêmica parece necessária, ou mesmo possível. “Você gosta de Beethoven? Eu prefiro ouvir fanfarra de colégio.” Questão de gosto.

Levada a sério, radicalizada, a “questão de gosto” dispensa razões e argumentos, estanca o discurso crítico, desiste da reflexão, afirmando despoticamente a instância definitiva da mais rasa subjetividade. Gosto disso, e pronto, estamos conversados. Ao interlocutor, para sempre desarmado, resta engolir em seco o gosto próprio, impedido de argumentar. Afinal, gosto não se discute.



Mas se tudo é questão de gosto, a vida vale a morte, o silêncio vale a palavra, a ausência vale a presença – tudo se relativiza ao infinito. Num mundo sem valores a definir, em que tudo dependa do gosto, não há lugar para uma razão ética, uma definição de princípios, uma preocupação moral, um empenho numa análise estética. O autoritarismo do gosto, tomado em sentido absoluto, apaga as diferenças reais e proclama a servidão ao capricho. Mas há quem goste das fórmulas ditatoriais, em vez de enfrentar o desafio de ponderar as nossas contradições.

(Emiliano Barreira, inédito)



23) Definida como instância definitiva da mais rasa subjetividade, a questão de gosto opõe-se, terminantemente,

a) à atribuição de mérito à naturalidade de uma primeira impressão.

b) ao primado do capricho pessoal, ao qual tantas vezes se apela.

c) à dinâmica de argumentos criteriosos na condução de uma polêmica.

d) ao subterfúgio de que nos valem para evitar um princípio de discussão.

e) ao princípio da recusa a qualquer fundamentação racional numa discussão.



24) Atente para as seguintes afirmações:

I. No 1o parágrafo, a menção a Beethoven e a fanfarra de colégio ilustra bem a disposição do autor em colocar lado a lado manifestações artísticas de valor equivalente.

II. No 2o parágrafo, o termo **despoticamente** qualifica o modo pelo qual alguns interlocutores dispõem-se a desenvolver uma polêmica.

III. No 3o parágrafo, a expressão **servidão ao capricho** realça a acomodação de quem não se dispõe a enfrentar a argumentação crítica.

Em relação ao texto está correto o que se afirma APENAS em

- a) I.
- b) I e II.
- c) II.
- d) II e III.
- e) III.



25) FCC - AJ TRT2/Administrativa/2014 (e mais 7 concursos)

Atenção: A questão refere-se ao texto seguinte.

Sobre a publicação de livros

Muito se tem discutido, recentemente, sobre direitos e restrições na publicação de livros. Veja-se o que dizia o filósofo Voltaire, em 1777:

“Não vos parece, senhores, que em se tratando de livros, só se deve recorrer aos tribunais e soberanos do Estado quando o Estado estiver sendo comprometido nesses livros? Quem quiser falar com todos os seus compatriotas só poderá fazê-lo por meio de livros: que os imprima, então, mas que responda por sua obra. Se ela for ruim, será desprezada; se for provocadora, terá sua réplica; se for criminosa, o autor será punido; se for boa, será aproveitada, mais cedo ou mais tarde.”

(Voltaire, O preço da justiça. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 56)



A posição de Voltaire está corretamente resumida na seguinte frase:

- a) A publicação de livros é uma questão de Estado e somente na instância do Estado deve ser administrada.
- b) Os autores de livros, soberanos para emitir suas opiniões, devem permanecer à margem das sanções dos tribunais.
- c) A única consequência admissível da publicação de um livro é a reação do público leitor, a quem cabe o juízo definitivo.
- d) Afora alguma razão de Estado, não se deve incriminar um autor pela divulgação de suas ideias.
- e) O Estado só deve ser invocado para julgar um livro quando isso constituir manifesta exigência do público.



FCC - TJ TRT2/Administrativa/"Sem Especialidade"/2014

Instrução: Para responder à questão, considere o texto a seguir.

Reduzido a um clique

RIO DE JANEIRO – A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil". O alarme não se limita à iminente entrada da Amazon no mercado brasileiro de livros – algo que lembrará o passeio de um brontossauro pela Colombo.

A ameaça começa pela expressão "livros físicos". É o que, a partir de agora, o diferenciara dos livros digitais.

Pelos últimos mil anos, dos manuscritos aos incunábulo e aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros. Nunca precisaram de adjetivos para distingui-los dos astrolábios, das guilhotinas ou das cenouras. Quando se dizia "livro", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, nas quais se gravavam a tinta palavras ou imagens.



Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias. Desde sempre, as livrarias se caracterizaram por estantes altas, vendedores atenciosos, uma atmosfera de paz e a ocasional presença de um gato. Foi nelas que leitores e escritores aprenderam a se encontrar e trocar ideias, gerando uma emulação com a qual a cultura teve muito a ganhar.

A Amazon dispensa tudo isso. Ela vende livros "físicos", mas a partir de um endereço imaterial – nada físico –, acessível apenas pela internet. Dispensa as livrarias. Se você se interessar por um livro (certamente recomendado por uma lista de best-sellers), basta o número do seu cartão de crédito e um clique. Em dois dias, ele estará em suas mãos – e a um preço mais em conta, porque a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.

Com sorte, os livros continuarão "físicos".

Mas os leitores correm o risco de ser reduzidos a um número de cartão de crédito e um clique.

(CASTRO, Ruy, Folha de S.Paulo, opinião, 7 de ag. de 2013. p. A2)



Observações:

1. brontossauro / espécie de dinossauro;
2. Colombo / tradicional confeitaria do Rio de Janeiro, com sua refinada arquitetura e mobiliário, seus requintados cristais e jogos de porcelana, hoje patrimônio cultural e artístico da cidade;
3. incunábulo / livro impresso que data dos primeiros tempos da imprensa (até o ano de 1500).

26) O modo como o autor desenvolve seu texto sobre a notícia citada

a) revela sua indiferença pelas bibliotecas públicas ou particulares e a consideração que tem pelas livrarias, como se observa no segmento ***Há 200 anos, os livros deixaram de ser privilégio das bibliotecas públicas ou particulares e passaram a ser vendidos em lojas especializadas, chamadas livrarias.***

b) explica o tom alarmante nele impresso, reconhecível, por exemplo, nos segmentos ***A notícia é alarmante: "Amazon se prepara para vender livros físicos no Brasil e A Amazon dispensa tudo isso.***



c) atesta o tom didático do texto, centrado em divulgar a história do livro e seduzir leitores, como se nota em ***Pelos últimos mil anos, dos manuscritos [...] aos impressos a laser, os livros têm sido chamados de livros e Se você se interessar por um livro [...], basta o número do seu cartão de crédito e um clique.***

d) legitima a hipótese de que defende a busca de lucro pelos empresários ligados à indústria dos livros físicos, como o atesta o segmento ***a Amazon não tem gastos com aluguel, escritório, luz, funcionários humanos e nem mesmo a ração do gato.***

e) justifica que se considerem como marcados pelo tom da ironia os segmentos ***(certamente recomendado por uma lista de best-sellers) e Com sorte, os livros continuarão "físicos".***



FCC - TJ TRT2/Administrativa/"Sem Especialidade"/2014

Instrução: Para responder à questão, considere o texto a seguir.

Para ver uma cidade não basta ficar de olhos abertos. É preciso primeiramente descartar tudo aquilo que impede vê-la, todas as ideias recebidas, as imagens pré-constituídas que continuam a estorvar o campo visual e a capacidade de compreensão. Depois é preciso saber simplificar, reduzir ao essencial o enorme número de elementos que a cada segundo a cidade põe diante dos olhos de quem a observa, e ligar os fragmentos espalhados num desenho analítico e ao mesmo tempo unitário, como o diagrama de uma máquina, com o qual se possa compreender como ela funciona.

A comparação da cidade com uma máquina é, ao mesmo tempo, pertinente e desviante. Pertinente porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para se viver nela e para fazer viver. Desviante porque, diferentemente das máquinas, que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas ou quase todas o resultado de adaptações sucessivas a funções diferentes, não previstas por sua fundação anterior (penso nas cidades italianas, com sua história de séculos ou de milênios).



Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer alguma coisa importante sobre a cidade: como, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos para novas funções ou desaparecem, assim também as cidades. E não podemos esquecer que na história da evolução toda espécie carrega consigo características que parecem de outras eras, na medida em que já não correspondem a necessidades vitais, mas que talvez um dia, em condições ambientais transformadas, serão as que salvarão a espécie da extinção. Assim a força da continuidade de uma cidade pode consistir em características e elementos que hoje parecem prescindíveis, porque esquecidos ou contraditos por seu funcionamento atual.

(CALVINO, Italo. Os deuses da cidade. Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 333-334)



27) Afirma-se com correção que, no primeiro parágrafo, o autor

a) rejeita a acepção dicionarizada de que "ver" é "perceber pela visão", pois propõe que a compreensão de uma cidade independe da capacidade de perceber o mundo exterior pelos olhos.

b) reitera que, para apropriar-se de uma cidade, há a necessidade de descartar tudo aquilo que impede vê-la, entendida essa expressão como conjunto de coisas que atrapalham, de modo específico, o campo visual propriamente dito.

c) comenta que o processo de compreensão de uma cidade implica a recusa das informações redundantes que são oferecidas, segundo a segundo, aos que a observam com o desejo de conhecê-la.

d) expõe a ideia de que é necessário, de modo aparentemente contraditório, representar numa totalidade as frações correspondentes aos componentes básicos e simples de uma cidade, para conseguir compreendê-la.

e) propõe que aquele que deseja ver e compreender uma cidade deve guiar-se por desenhos explicativos de como ela se dispõe, esquema concebido por quem conhece como realmente é ou funciona.



28) A comparação entre a cidade e a máquina

- a) tem sua funcionalidade comprometida, quanto a facilitar a compreensão do primeiro termo, quando se considera que a analogia tem um caráter desviante.
- b) ocorre pela aproximação de fatores de natureza complementar, que, ao formarem uma unidade, evidenciam a identidade dos elementos comparados.
- c) representa uma aproximação de elementos cuja diferença permite caracterizar, com ressalvas, o primeiro termo, segundo certa perspectiva apresentada pelo autor.
- d) relaciona um elemento abstrato e um concreto, motivo pelo qual a semelhança entre eles não pode ser total, o que não impede que a aproximação facilite a análise dos dois.
- e) é um cotejo pertinente e instrutivo, na medida em que a expressão ***serve para se viver nela e para fazer viver***, evidência do traço comum a uma e outra, traduz a funcionalidade de ambas.



29) Infere-se corretamente do terceiro parágrafo:

- a) a aproximação da cidade com a máquina é um artifício de raciocínio que nada informa de relevante sobre a primeira.
- b) o juízo acerca da importância de uma característica ou elemento de uma cidade para sua continuidade é sempre relativo, pois envolve contingências.
- c) a história da evolução determina que espécies em extinção serão salvas por componentes obsoletos sempre presentes em indivíduos dessas espécies.
- d) traços de uma espécie que se assemelham aos de outras épocas é mera ilusão de óptica, pois as espécies estão em constante evolução.
- e) aspectos de uma cidade são prescindíveis se contêm organismos que, depois de várias atualizações, não conseguem readquirir sua funcionalidade original.



FCC - AJ TRF3/Apoio Especializado/Arquivologia/2014 (e mais 12 concursos)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

A dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana mais bem repartida: nenhum privilegiado reivindica ignorância em relação a ela ou se vangloria de conhecê-la melhor que qualquer outro. Violência nascida no próprio âmago do indivíduo, ela dilacera sua presença e o esgota, dissolve-o no abismo que nele se abriu, esmaga-o no sentimento de um imediato sem nenhuma perspectiva. Rompe-se a evidência da relação do indivíduo consigo e com o mundo.



A dor quebra a unidade vivida do homem, transparente para si mesmo enquanto goza de boa saúde, confiante em seus recursos, esquecido do enraizamento físico de sua existência, desde que nenhum obstáculo se interponha entre seus projetos e o mundo. De fato, na vida cotidiana o corpo se faz invisível, flexível; sua espessura é apagada pelas ritualidades sociais e pela repetição incansável de situações próximas umas das outras. Aliás, esse ocultar o corpo da atenção do indivíduo leva René Leriche a definir a saúde como “a vida no silêncio dos órgãos”. Georges Canguilhem acrescenta que ela é um estado de “inconsciência em que o sujeito é de seu corpo”.

*(Adaptado de: BRETON, David Le. **Antropologia da Dor**, São Paulo, Editora Fap-Unifesp, 2013, p. 25-6)*



30) Conforme o texto, a

- a) saúde, ao contrário da dor, torna o homem apto à percepção corporal, uma vez que não impõe barreiras inflexíveis.
- b) dor, ao contrário da saúde, possibilita ao homem a tomada de consciência sobre seu próprio corpo.
- c) dor, como sintoma da doença, estabelece uma relação de pertença entre corpo e sujeito.
- d) saúde, como estado de plenitude, torna perceptível a cisão entre corpo e sujeito.
- e) dor, diferentemente da saúde, leva ao ocultamento do sujeito frente a seu corpo.



FCC - AJ TRF3/Apoio Especializado/Arquivologia/2014 (e mais 12 concursos)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Menino do mato

Eu queria usar palavras de ave para escrever.

Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.

Ali a gente brincava de brincar com palavras tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!

A Mãe que ouvira a brincadeira falou:

Já vem você com suas visões!

Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis e nem há pedras de sacristias por aqui.

Isso é traquinagem da sua imaginação.

O menino tinha no olhar um silêncio de chão e na sua voz uma candura de Fontes.



O Pai achava que a gente queria desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão de uma pedra.

Eram novidades que os meninos criavam com as suas palavras.

Assim Bernardo emendou nova criação: Eu hoje vi um sapo com olhar de árvore.

Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado.

A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas pela inocência.

O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias para a gente bem entender a voz das águas e dos caracóis.

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias.

Porque a gente também sabia que só os absurdos enriquecem a poesia.

(BARROS, Manoel de, Menino do Mato, em Poesia Completa, São Paulo, Leya, 2013, p. 417-8.)



31) De acordo com o poema,

- a) os sentidos atribuídos às palavras pelo menino adequavam-se, na verdade, às ideias normais, que, por seu turno, iam constituindo sua compreensão de mundo.
- b) os absurdos, muito embora concernentes à poesia, eram compreendidos pela mãe como fruto da ignorância do menino.
- c) as visões a que a mãe se refere são, para o menino, alterações no sentido usual das ideias, com que reinventava o mundo que o cercava.
- d) as novidades que o mundo apresentava ao menino precisavam de palavras novas para serem descritas, pois a linguagem se mostrava pobre para a imensidão de seu mundo.
- e) as imagens vistas pelo menino eram reflexo de sua imaginação, livre da linguagem de que fazia uso para descrevê-las.



FCC - AJ TRF3/Judiciária/"Sem Especialidade"/2014 (e mais 1 concurso)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

A guerra dos dez anos começou quando um fazendeiro cubano, Carlos Manuel de Céspedes, e duzentos homens mal armados tomaram a cidade de Santiago e proclamaram a independência do país em relação à metrópole espanhola. Mas a Espanha reagiu. Quatro anos depois, Céspedes foi deposto por um tribunal cubano e, em março de 1874, foi capturado e fuzilado por soldados espanhóis.

Entrementes, ansioso por derrubar medidas espanholas de restrição ao comércio, o governo americano apoiara abertamente os revolucionários e Nova York, Nova Orleans e Key West tinham aberto seus portos a milhares de cubanos em fuga. Em poucos anos Key West transformou-se de uma pequena vila de pescadores numa importante comunidade produtora de charutos. Despontava a nova capital mundial do Havana.




Os trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos levaram com eles a instituição do “lector”. Uma ilustração da revista Practical Magazine mostra um desses leitores sentado de pernas cruzadas, óculos e chapéu de abas largas, um livro nas mãos, enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos com o que parece ser uma atenção enlevada.

O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o “lector” do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.

Segundo Mário Sanchez, um pintor de Key West, as leituras decorriam em silêncio concentrado e não eram permitidos comentários ou questões antes do final da sessão.

(Adaptado de: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 134-136)



32) Afirma-se corretamente:

- a) No 4º parágrafo, o autor emite um juízo de valor a respeito do hábito levado pelos trabalhadores cubanos aos Estados Unidos.
- b) O texto se inicia com a apresentação do contexto histórico que culminou na implantação de um costume levado pelos cubanos para fábricas de charuto americanas.
- c) O texto se desenvolve a partir de reminiscências do próprio autor a respeito de uma situação vivenciada por ele em determinado contexto histórico.
- d) No primeiro parágrafo, o autor introduz o assunto principal sobre o qual irá tratar no texto, qual seja, a imigração de operários cubanos para os Estados Unidos.
- e) O interesse da imprensa americana, estabelecido no 3º parágrafo, foi determinante para a disseminação, no país, de costumes introduzidos por operários cubanos em Key West.



33) Depreende-se do texto que

- a) a atividade de ler em voz alta, conduzida pelo “lector”, permitia que os operários produzissem mais, pois trabalhavam com maior concentração.
- b) o hábito de ler em voz alta, levado originalmente de Cuba para os Estados Unidos, relaciona-se ao valor atribuído à leitura, que é determinado culturalmente.
- c) os operários cubanos homenagearam Alexandre Dumas ao atribuírem a um charuto o nome de um dos personagens do escritor.
- d) ao contratar um leitor, os operários cubanos podiam superar, em parte, a condição de analfabetismo a que estavam submetidos.
- e) os charuteiros cubanos, organizados coletivamente, compartilhavam a ideia de que a fruição de um texto deveria ser comunitária, não individual.



FCC - AJ TRF3/Judiciária/"Sem Especialidade"/2014 (e mais 1 concurso)

Atenção: Para responder à questão de número, considere o texto abaixo.

Foi por me sentir genuinamente desidentificado com qualquer espécie de regionalismo que escrevi coisas como: "Não sou brasileiro, não sou estrangeiro / Não sou de nenhum lugar, sou de lugar nenhum"/ "Riquezas são diferenças".

Ao mesmo tempo, creio só terem sido possíveis tais formulações pessoais pelo fato de eu haver nascido e vivido em São Paulo. Por essa ser uma cidade que permite, ou mesmo propicia, esse desapego para com raízes geográficas, raciais, culturais. Por eu ver São Paulo como um gigante liquidificador onde as informações diversas se misturam, gerando novas interpretações, exceções.

Por sua multiplicidade de referências étnicas, linguísticas, culturais, religiosas, arquitetônicas, culinárias...

São Paulo não tem símbolos que dêem conta de sua diversidade. Nada aqui é típico daqui. Não temos um corcovado, uma arara, um cartão postal. São Paulo são muitas cidades em uma.



Sempre me pareceram sem sentido as guerras, os fundamentalismos, a intolerância ante a diversidade.

Assim, fui me sentindo cada vez mais um cidadão do planeta. Acabei atribuindo parte desse sentimento à formação miscigenada do Brasil.

Acontece que a miscigenação brasileira parece ter se multiplicado em São Paulo, num ambiente urbano que foi crescendo para todos os lados, sem limites.

Até a instabilidade climática daqui parece haver contribuído para essa formação aberta ao acaso, à imprevisibilidade das misturas.

Ao mesmo tempo, temos preservados inúmeros nomes indígenas designando lugares, como Ibirapuera, Anhangabaú, Butantã etc. Primitivismo em contexto cosmopolita, como soube vislumbrar Oswald de Andrade.

Não é à toa que partiram daqui várias manifestações culturais.



São Paulo fragmentária, com sua paisagem recortada entre praças e prédios; com o ruído dos carros entrando pelas janelas dos apartamentos como se fosse o ruído longínquo do mar; com seus crepúsculos intensificados pela poluição; seus problemas de trânsito, miséria e violência convivendo com suas múltiplas ofertas de lazer e cultura; com seu crescimento indiscriminado, sem nenhum planejamento urbano; com suas belas alamedas arborizadas e avenidas de feiura infinita.

(Adaptado de: ANTUNES, Arnaldo. Alma paulista. Disponível em <http://www.arnaldoantunes.com.br>).



34) No texto, o autor

- a) descreve São Paulo como uma cidade marcada por contrastes de diversas ordens.
- b) assinala a relevância da análise de Oswald de Andrade a respeito do provincianismo da antiga São Paulo.
- c) critica o fato de nomes indígenas, ininteligíveis, designarem, ainda hoje, lugares comuns da cidade de São Paulo.
- d) sugere que o trânsito, com seus ruídos longínquos, é o principal problema da cidade de São Paulo.
- e) utiliza-se da ironia ao elogiar a instabilidade climática e a paisagem recortada da cidade de São Paulo.



35) O autor

- a) opõe a oferta de atividades de lazer disponíveis em São Paulo ao seu desapego pessoal por raízes geográficas, raciais e culturais.
- b) atribui a tolerância à miscigenação brasileira à diversidade que se exprime com grande força em São Paulo.
- c) encontra razões plausíveis para a violência da cidade de São Paulo e o crescimento sem limites de sua área urbana.
- d) considera a falta de planejamento urbano da cidade de São Paulo a causa da feiura infinita de suas avenidas.
- e) estabelece uma associação entre a diversidade típica de São Paulo e a falta de um símbolo que sirva de cartão postal para a cidade.



FCC - TJ TRF3/Administrativa/"Sem Especialidade"/2014

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Texto I

O canto das sereias é uma imagem que remonta às mais luminosas fontes da mitologia e da literatura gregas. As versões da fábula variam, mas o sentido geral da trama é comum.

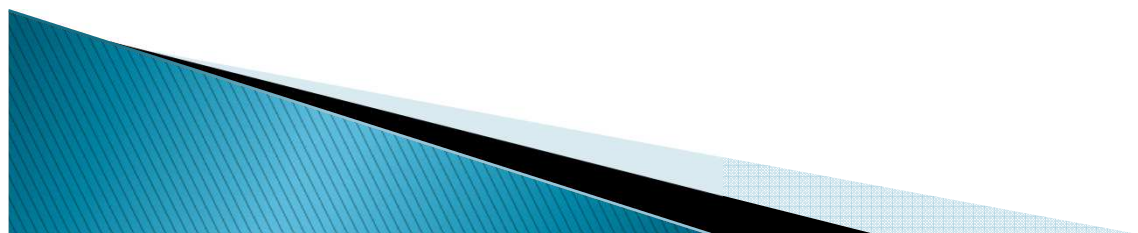
As sereias eram criaturas sobre-humanas. Ninfas de extraordinária beleza, viviam sozinhas numa ilha do Mediterrâneo, mas tinham o dom de chamar a si os navegantes, graças ao irresistível poder de sedução do seu canto. Atraídos por aquela melodia divina, os navios batiam nos recifes submersos da beira-mar e naufragavam. As sereias então devoravam impiedosamente os tripulantes.



Doce o caminho, amargo o fim. Como escapar com vida do canto das sereias? A literatura grega registra duas soluções vitoriosas. Uma delas foi a saída encontrada por Orfeu, o incomparável gênio da música e da poesia.

Quando a embarcação na qual ele navegava entrou inadvertidamente no raio de ação das sereias, ele conseguiu impedir a tripulação de perder a cabeça tocando uma música ainda mais sublime do que aquela que vinha da ilha. O navio atravessou incólume a zona de perigo.

A outra solução foi a de Ulisses. Sua principal arma para vencer as sereias foi o reconhecimento franco e corajoso da sua fraqueza e da sua falibilidade – a aceitação dos seus inescapáveis limites humanos.



Ulisses sabia que ele e seus homens não teriam firmeza para resistir ao apelo das sereias. Por isso, no momento em que a embarcação se aproximou da ilha, mandou que todos os tripulantes tapassem os ouvidos com cera e ordenou que o amarrassem ao mastro central do navio. O surpreendente é que Ulisses não tapou com cera os próprios ouvidos – ele quis ouvir. Quando chegou a hora, Ulisses foi seduzido pelas sereias e fez de tudo para convencer os tripulantes a deixarem-no livre para ir juntar-se a elas. Seus subordinados, contudo, cumpriram fielmente a ordem de não soltá-lo até que estivessem longe da zona de perigo.

Orfeu escapou das sereias como divindade; Ulisses, como mortal. Ao se aproximar das sereias, a escolha diante do herói era clara: a falsa promessa de gratificação imediata, de um lado, e o bem permanente do seu projeto de vida – prosseguir viagem, retornar a Ítaca, reconquistar Penélope –, do outro. A verdadeira vitória de Ulisses foi contra ele mesmo. Foi contra a fraqueza, o oportunismo suicida e a surdez delirante que ele soube reconhecer em sua própria alma.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Auto-engano. São Paulo, Cia. das Letras, 1997. Formato eBook)



Texto II

O consultor de empresas americano Herb M. Greenberg chegou à conclusão de que o autoconhecimento é a base do sucesso de profissionais bem-sucedidos. Ele garante que esses profissionais “conseguem compreender a si mesmos e sabem o que fazem de melhor; conhecem exatamente quais são suas fraquezas e seus pontos fortes e por isso se destacam dos demais”.

(Adaptado de: GRINBERG, Renato. A estratégia do olho de tigre. São Paulo: Gente, 2011. p.51)



36) Há no texto I

- a) rivalidade entre o mortal Ulisses e o divino Orfeu, cujo talento musical causava inveja ao primeiro.
- b) juízo de valor a respeito das atitudes das sereias em relação aos navegantes e elogio à astúcia de Orfeu.
- c) crítica à forma pouco original com que Orfeu decide enganar as sereias e elogio à astúcia de Ulisses.
- d) censura à atitude arriscada de Ulisses, cuja ousadia quase lhe custou seu projeto de vida.
- e) comparação entre os meios que Orfeu e Ulisses usam para enfrentar o desafio que se apresenta a eles.



37)

Doce o caminho, amargo o fim. (3º parágrafo – Texto I)

A frase acima

- a) contrapõe a natureza singela das sereias à violência do mar.
- b) assinala a vitória de Ulisses sobre o poder mágico das sereias.
- c) descreve a principal consequência do confronto entre Ulisses e as sereias.
- d) introduz a razão pela qual Orfeu venceu o embate contra as sereias.
- e) sintetiza o percurso dos navegantes quando eram seduzidos pelas sereias.



38) No texto I, o desfecho positivo para a situação enfrentada por Orfeu adveio

- a) de seu talento musical.
- b) do reconhecimento de suas inabilidades.
- c) da ajuda que recebeu de seus tripulantes.
- d) do fato de sua embarcação ser bastante resistente.
- e) do acordo a que ele e as sereias chegaram.



39) Atente para o que se afirma abaixo.

I. Depreende-se do Texto II que o comentário sobre profissionais feito pelo consultor citado aplica-se a Ulisses (Texto I), pois foi por meio do autoconhecimento que ele desenvolveu a engenhosa estratégia que o salvou das sereias.

II. Ao se contrapor o Texto II à fábula das sereias (Texto I), percebe-se que as estratégias realistas de um funcionário de uma empresa nada têm em comum com as decisões tomadas por Orfeu e Ulisses, pois foi a intervenção sobrenatural que mudou o curso do destino dos heróis.

III. A atitude de Orfeu não é um exemplo válido para o que se afirma no Texto II sobre profissionais bem-sucedidos, pois fica evidente que Orfeu não conhecia seus pontos fracos.



Está correto o que se afirma APENAS em

a) II e III.

b) II.

c) I e II.

d) I e III.

e) I.




40) FCC - TJ TRF3/Administrativa/"Sem Especialidade"/2014

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Toda ficção científica, de Metrópolis ao Senhor dos anéis, baseia-se, essencialmente, no que está acontecendo no mundo no momento em que o filme foi feito. Não no futuro ou numa galáxia distante, muitos e muitos anos atrás, mas agora mesmo, no presente, simbolizado em projeções que nos confortam e tranquilizam ao nos oferecer uma adequada distância de tempo e espaço.

Na ficção científica, a sociedade se permite sonhar seus piores problemas: desumanização, superpopulação, totalitarismo, loucura, fome, epidemias. Não se imita a realidade, mas imagina-se, sonha-se, cria-se outra realidade onde possamos colocar e resolver no plano da imaginação tudo o que nos incomoda no cotidiano. O elemento essencial para guiar a lógica interna do gênero, cuja quebra implica o fim da magia, é a ciência. Por isso, tecnologia é essencial ao gênero. Parte do poder desse tipo de magia cinematográfica está em concretizar, diante dos nossos olhos, objetos possíveis, mas inexistentes: carros voadores, robôs inteligentes. Como parte dessas coisas imaginadas acaba se tornando realidade, o gênero reforça a sensação de que estamos vendo na tela projeções das nossas possibilidades coletivas futuras.

(Adaptado de: BAHIANA, Ana Maria. Como ver um filme. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. formato ebook.)



Considere:

- I. Segundo o texto, na ficção científica abordam-se, com distanciamento de tempo e espaço, questões controversas e moralmente incômodas da sociedade atual, de modo que a solução oferecida pela fantasia possa ser aplicada para resolver os problemas da realidade.
- II. Parte do poder de convencimento da ficção científica deriva do fato de serem apresentados ao espectador objetos imaginários que, embora não existam na vida real, estão, de algum modo, conectados à realidade.
- III. A ficção científica extrapola os limites da realidade, mas baseia-se naquilo que, pelo menos em teoria, acredita-se que seja possível.

Está correto o que se afirma APENAS em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) II.
- e) III.



FCC - TJ TRF3/Administrativa/Segurança e Transporte/2014 (e mais 5 concursos)

Atenção: Para responder à questão de número, considere o texto abaixo.

O barulho é um som de valor negativo, uma agressão ao silêncio ou simplesmente à tranquilidade necessária à vida em comum. Causa um incômodo àquele que o percebe como um entrave a seu sentimento de liberdade e se sente agredido por manifestações que não controla e lhe são impostas, impedindo-o de repousar e desfrutar sossegadamente de seu espaço. Traduz uma interferência dolorosa entre o mundo e o eu, uma distorção da comunicação em razão da qual as significações se perdem e são substituídas por uma informação parasita que provoca desagrado ou aborrecimento.



O sentimento do barulho surge quando as sonoridades do ambiente perdem sua dimensão de sentido e se impõem como uma agressão irritante, da qual não há como se defender. Mas esse sentimento põe em relevo um contexto social e a interpretação que o indivíduo faz do ambiente sonoro em que se encontra. Às vezes o mesmo som é inversamente percebido por outra pessoa como um invólucro que lhe é indiferente. No limite, o barulho constante das ruas acaba sendo abafado, ao passo que os excessos sonoros dos vizinhos são percebidos como indesejáveis e como violações da intimidade pessoal. Os barulhos produzidos por nós mesmos não são percebidos como incômodo: eles têm um sentido. Quem faz barulho são sempre os outros.

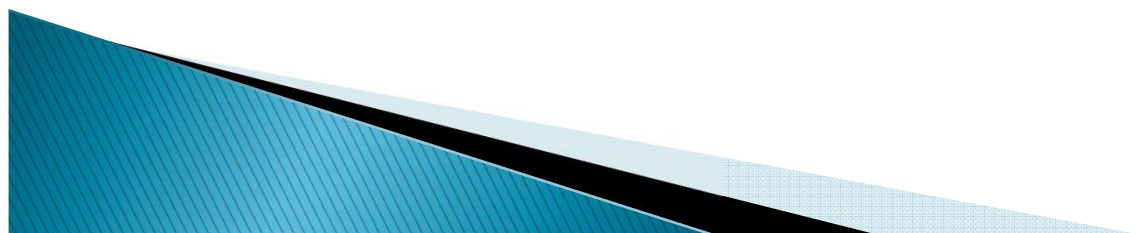


O sentimento do barulho se difundiu, sobretudo, com o nascimento da sociedade industrial – e a modernidade o intensificou de maneira desmesurada. O desenvolvimento técnico caminhou de mãos dadas com a penetração ampliada do barulho na vida cotidiana e com uma crescente impotência para controlar os excessos. À profusão de barulhos produzidos pela cidade, à circulação incessante dos automóveis, nossas sociedades acrescentam novas fontes sonoras com os televisores ligados e a música ambiente que toca no interior das lojas, dos cafés, dos restaurantes, dos aeroportos, como se fosse preciso afogar permanentemente o silêncio. Nesses lugares troca-se a palavra por um universo de sons que ninguém escuta, que enervam às vezes, mas que teriam o benefício de emitir uma mensagem tranquilizante. Antídoto ao medo difuso de não se ter o que dizer, infusão acústica de segurança cuja súbita ruptura provoca um desconforto redobrado, a música ambiente tornou-se uma arma eficaz contra certa fobia do silêncio. Esse persistente universo sonoro isola as conversas particulares ou encobre os devaneios, confinando cada um em seu espaço próprio, equivalente fônico dos biombos que encerram os encontros em si mesmos, criando uma intimidade pela interferência sonora assim forjada em torno da pessoa.



Nossas cidades são particularmente vulneráveis às agressões sonoras; o barulho se propaga e atravessa grandes distâncias. As operações de liquidação do silêncio existem em abundância e sitiam os lugares ainda preservados, incultos, abandonados à pura gratuidade da meditação e do silêncio. A modernidade assinala uma tentativa difusa de saturação do espaço e do tempo por uma emissão sonora sem fim. Pois, aos olhos de uma lógica produtiva e comercial, o silêncio não serve para nada, ocupa um tempo e um espaço que poderiam se beneficiar de um uso mais rentável.

(LE BRETON, David. O Estado de S. Paulo, Aliás, 2 de junho de 2013, com adaptações)



41) É correto afirmar que, segundo a ótica do autor,

- a) a agitação resultante da vida moderna possibilita o encontro de pessoas em lugares privilegiados, em que a música ambiente, por afastar o silêncio, tende a favorecer a comunicação entre elas.
- b) o constante barulho produzido pela vida moderna, apesar de parecer irritante a algumas pessoas, pode também transformar-se em um elemento de calma, ao transmitir sensação de acolhimento.
- c) a música ambiente ouvida em locais de intenso movimento está distante de ser instrumento propício ao relaxamento, servindo para isolar as pessoas em seu mundo particular.
- d) a vida moderna, com aparelhos que transmitem sons a grandes distâncias, permite, ao mesmo tempo, o relacionamento em lugares altamente frequentados, como restaurantes e aeroportos, e também o silêncio e a meditação em lugares mais isolados.
- e) o movimento incessante das ruas, embora resulte em barulho constante, torna-se mais aceitável do que aquele produzido pela música que se ouve em locais de grande fluxo de pessoas, impedindo-as de optar por um ambiente silencioso e calmo.



42) Considerando-se o teor do texto, é correto concluir:

- a) Ao se propagar difusamente por todos os espaços criados pela vida moderna, o barulho adquire sentido decorrente das transformações tecnológicas.
- b) O barulho é percebido subjetivamente e interfere no ambiente em que as pessoas se encontram, isolando conversas particulares e encobrendo devaneios.
- c) Como resultado do desenvolvimento tecnológico e social, o barulho inerente às sociedades modernas transformou-se em um eficiente instrumento da comunicação.
- d) Com uma sonoridade geralmente suave, a música ambiente atinge seu principal objetivo, que é manter a sociabilidade entre os que se encontram em locais de grande agitação.
- e) Por sua presença em diferentes lugares, a música ambiente constitui um parâmetro eficaz para medir a sensibilidade de cada indivíduo ao barulho excessivo existente nesses locais.



43)

Pois, aos olhos de uma lógica produtiva e comercial, o silêncio não serve para nada, ocupa um tempo e um espaço que poderiam se beneficiar de um uso mais rentável. (4º parágrafo)

A afirmativa acima

- a) tem valor conclusivo em relação ao desenvolvimento do último parágrafo, em que o autor aponta justificativa para a intensificação do barulho na sociedade moderna.
- b) busca reduzir a importância que a vida moderna imprime à emissão constante de ruídos que cercam as pessoas, até mesmo nos ambientes mais íntimos.
- c) atribui sentido comercial ao silêncio, superior àquele que a sociedade atribui ao barulho, por ser este o resultado evidente de todo o desenvolvimento tecnológico atual.



d) justifica a interferência constante dos ruídos em todos os lugares, como substitutos ideais do silêncio, que leva habitualmente as pessoas a se fecharem em si mesmas.

e) apresenta uma sequência de fatos que enumeram os benefícios trazidos pela agitação da vida moderna, ainda que eles resultem, geralmente, em barulho excessivo.



44)

Antídoto ao medo difuso de não se ter o que dizer, infusão acústica de segurança... (3º parágrafo)

Depreende-se da expressão grifada acima:

- a) depoimento pessoal, a partir da associação entre o sabor de uma bebida e a música tranquilizante que compõe o ambiente em que se está.
- b) comentário, com viés crítico, dirigido a quem interpreta o silêncio como meio de alcançar o conforto resultante da paz interior.
- c) alusão, de certa forma irônica, à sensação de bem-estar que resulta habitualmente da ingestão de um chá reconfortante.
- d) restrição, com base em observações de senso comum, ao hábito generalizado de consumo de chás caseiros que visam restabelecer a calma.
- e) opinião sarcástica, embasada na percepção geral do desconforto provocado pelo excesso de barulho em alguns ambientes.



45) O 1º parágrafo, de acordo com o que nele consta, apresenta-se

a) com forma aproximada de um relatório, em que há análise científica de um item que passará a ser discutido nos parágrafos seguintes.

b) como uma opinião informal do autor do texto, que contém, sobretudo, juízos de valor a respeito de problemas atuais que atingem toda a sociedade.

c) até certo ponto desnecessário, por conter esclarecimentos a respeito de um assunto de conhecimento geral, cuja presença é constante no mundo moderno.

d) com certa incoerência intencional, para realçar um problema que, ao atingir todos os membros de uma sociedade, reflete também a sensibilidade de cada indivíduo.

e) de modo semelhante ao de um verbete de dicionário, ao trazer informações objetivas que esclarecem o tópico que será desenvolvido.



FCC - AJ TRT19/Judiciária/Oficial de Justiça Avaliador Federal/2014 (e mais 6 concursos)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Ainda aluna de medicina, Nise da Silveira se horrorizou ao ver o professor abrir com um bisturi o corpo de uma jia e deixar à mostra, pulsando, seu pequenino coração.

Esse fato define a mulher que iria revolucionar o tratamento da esquizofrenia e pôr em questão alguns dogmas estéticos em vigor mesmo entre artistas antiacadêmicos e críticos de arte.

A mesma sensibilidade à flor da pele que a fez deixar, horrorizada, a aula de anatomia, levou-a a se opor ao tratamento da esquizofrenia em voga na época em que se formou: o choque elétrico, o choque insulínico, o choque de colabiosol e, pior do que tudo, a lobotomia, que consistia em secionar uma parte do cérebro do paciente. Tomou-se de revolta contra tais procedimentos, negando-se a aplicá-los nos doentes a ela confiados. Foi então que o diretor do hospital, seu amigo, disse-lhe que não poderia mantê-la no emprego, a não ser em outra atividade que não envolvesse o tratamento médico. – Mas qual?, perguntou ela. – Na terapia ocupacional, respondeu-lhe o diretor.



A terapia ocupacional, naquela época, consistia em pôr os internados para lavar os banheiros, varrer os quartos e arrumar as camas. Nise aceitou a proposta e, em pouco tempo, em lugar de faxina, os pacientes trabalhavam em ateliês improvisados, pintando, desenhando, fazendo modelagem com argila e encadernando livros. Desses ateliês saíram alguns dos artistas mais criativos da arte brasileira, cujas obras passaram a constituir o hoje famosíssimo Museu de Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Nacional, situado no Engenho de Dentro, no Rio.

É que sua visão da doença mental diferia da aceita por seus companheiros psiquiatras. Enquanto, para estes, a loucura era um processo progressivo de degenerescência cerebral, que só se poderia retardar com a intervenção direta no cérebro, ela via de outro modo, confiando que o trabalho criativo e a expressão artística contribuiriam para dar ordem e equilíbrio ao mundo subjetivo e afetivo tumultuado pela doença.

Por isso mesmo acredito que o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro. Foi por não suportar o sofrimento imposto aos pacientes pelos choques que ela buscou e inventou outro caminho, no qual, em vez de ser vítima da truculência médica, o doente se tornou sujeito criador, personalidade livre capaz de criar um universo mágico em que os problemas insolúveis arrefeciam.

(Adaptado de: GULLAR, Ferreira. A Cura pelo Afeto. Resmungos, São Paulo: Imprensa Oficial, 2007)



46) De acordo com o texto, Nise da Silveira

- a) propôs a prática artística como coadjuvante no tratamento de doenças mentais, ao lado dos procedimentos em voga à sua época.
- b) introduziu mudanças na psiquiatria, deixando de ver a loucura como um processo de degeneração mental, além de pôr em xeque ditames da arte de seu tempo.
- c) passou a trabalhar tendo como parâmetro os afetos dos pacientes, a despeito da prática artística envolvida no tratamento da esquizofrenia.
- d) praticou o que havia de mais atual em termos de tratamento psiquiátrico, o que pressupunha o contato com artistas consagrados de então.
- e) encontrou, já nas primeiras aulas de psiquiatria, o fundamento de sua visão sobre terapia ocupacional, qual seja, a aceitação racional da doença por parte do paciente.



47) O autor do texto considera que

a) os avanços obtidos por Nise da Silveira, por dizerem respeito ao tratamento de esquizofrenia, devem ser vistos com cautela em termos artísticos.

b) a dimensão afetiva fez com que os pacientes passassem a se adequar aos tratamentos psiquiátricos em voga, o que foi uma grande conquista em termos de terapia ocupacional.

c) o afeto pelo outro foi o diferencial oferecido por Nise da Silveira, que fez com que seus pacientes se tornassem verdadeiros agentes em seus próprios tratamentos.

d) a subjetividade tumultuada dos doentes adquiria ordem e equilíbrio quando eram submetidos a tratamentos clínicos, muito embora isso arrefecesse sua capacidade artística.

e) a arte contribui para a criação de um universo imaginário que distrai os pacientes do cerne de sua condição, servindo de cura para suas enfermidades.



FCC - AJ TRT19/Judiciária/Oficial de Justiça Avaliador Federal/2014 (e mais 6 concursos)

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

No texto abaixo, Graciliano Ramos narra seu encontro com Nise da Silveira.

Chamaram-me da porta: uma das mulheres recolhidas à sala 4 desejava falar comigo. Estranhei. Quem seria? E onde ficava a sala 4? Um sujeito conduziu-me ao fim da plataforma, subiu o corrimão e daí, com agilidade forte, galgou uma janela. Esteve alguns minutos conversando, gesticulando, pulou no chão e convidou-me a substituí-lo. Que? Trepar-me àquelas alturas, com tamancos?



Examinei a distância, receoso, descalcei-me, resolvi tentar a difícil acrobacia. A desconhecida amiga exigia de mim um sacrifício; a perna, estragada na operação, movia-se lenta e perra; se me desequilibrasse, iria esborrachar-me no pavimento inferior. Não houve desastre. Numa passada larga, atingi o vão da janela; agarrei-me aos varões de ferro, olhei o exterior, zozado, sem perceber direito por que me achava ali. Uma voz chegou-me, fraca, mas no primeiro instante não atinei com a pessoa que falava. Enxerguei o pátio, o vestíbulo, a escada já vista no dia anterior. No patamar, abaixo de meu observatório, uma cortina de lona ocultava a Praça Vermelha. Junto, à direita, além de uma grade larga, distingi afinal uma senhora pálida e magra, de olhos fixos, arregalados. O rosto moço revelava fadiga, aos cabelos negros misturavam-se alguns fios grisalhos. Referiu-se a Maceió, apresentou-se:

– Nise da Silveira.

Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-a culta e boa, Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia aparecido criatura mais simpática. O marido, também médico, era meu velho conhecido Mário Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me, num vivo constrangimento.



De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazio; certamente causava impressão muito infeliz. Nise, acanhada, tinha um sorriso doce, fitava-me os bugalhos enormes, e isto me agravava a perturbação, magnetizava-me. Balbuciou imprecisões, guardou silêncio, provavelmente se arrependeu de me haver convidado para deixar-me assim confuso.

(RAMOS, Graciliano, Memórias do Cárcere, vol. 1. São Paulo, Record, 1996, p. 340 e 341)



48) De acordo com o texto,

- a) Nise da Silveira apresenta-se a Graciliano Ramos, que se sente constrangido por não saber quem ela é, enquanto ela demonstra já conhecê-lo.
- b) Graciliano Ramos arrepende-se de conhecer pessoalmente Nise da Silveira, muito embora ela tenha demonstrado simpatia por sua situação.
- c) Nise da Silveira passa a guardar silêncio ao perceber que o escritor, descalço e de pijama, encontrava-se bastante infeliz.
- d) defronte a sua nova amiga, o escritor sente-se pouco à vontade, uma vez que não possuíam afinidades profissionais, tampouco suspeitavam a razão de estarem no mesmo lugar.
- e) o encontro entre Graciliano Ramos e Nise da Silveira ocorreu de maneira inusitada para o escritor, que se mostrou constrangido em virtude da situação em que se encontravam.



49) *De pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazio; certamente causava impressão muito infeliz.*

Uma redação alternativa para a frase acima, em que se mantêm a correção e, em linhas gerais, o sentido original, está em:

- a) Quando estive de pijama, sem sapatos e seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazio, não obstante, certamente, causara impressão muito infeliz.
- b) Estando de pijama, sem sapatos, seguro à verga preta, achei-me ridículo e vazio, se certamente causava impressão muito infeliz.
- c) Causava, certamente, impressão muito infeliz: estava de pijama, sem sapatos e seguro à verga preta, por que me achasse ridículo e vazio.
- d) Achei-me ridículo e vazio, uma vez que estava de pijama, sem sapatos e seguro à verga preta, de maneira que causava, certamente, impressão muito infeliz.
- e) Causava, certamente, impressão muito infeliz o fato de me achar ridículo e vazio, uma vez que estava de pijama, sem sapatos e seguro à verga preta.



FCC - AJ TRT19/Judiciária/Oficial de Justiça Avaliador Federal/2014 (e mais 6 concursos)

Atenção: Para responder à questão, considere o poema abaixo.

Errância

Só porque
erro
encontro
o que não se
procura

só porque
erro
invento
o labirinto

a busca
a coisa
a causa da
procura



só porque
erro
acerto: me
construo

Margem de
erro: margem
de liberdade.

(FONTELA, Orides, Poesia Reunida, São Paulo, CosacNaify, 2006, p. 202)

50) De acordo com o poema,

- a) construir-se significa aprender com os erros, evitando-os de maneira a não comprometer sua liberdade.
- b) o erro, como eliminação de uma possibilidade falha, constitui um mecanismo de aferição na busca pelas coisas certas.
- c) o erro, ao desviar-se de uma finalidade predeterminada, abre a possibilidade do caminho inusitado, identificado aqui com a liberdade.
- d) acertar envolve dificuldades equiparáveis às de um labirinto, cuja única saída é aqui identificada com a liberdade.
- e) erro e acerto são noções imprecisas, comparáveis a um labirinto conceitual, e sua compreensão depende da finalidade de cada busca.



FIM

